

AOS AMIGOS DE VÉRTICE

Reunida para tomar conhecimento das críticas que a "Assembleia de Amigos de Vértice" julgou oportuno fazer-lhe, e os princípios para sanarem as razões de tais críticas a mesma Assembleia propõe, a Redacção de Vértice, como única responsável da sua orientação, é forçada a dar à referida Assembleia uma resposta precisa e clara.

Todavia, antes de entrar na matéria da resposta, a Redacção tem de salientar a sua agradável surpresa por ver que aparecem entre os "Amigos de Vértice" agora reunido, alguns nomes de pessoas que nunca antes desta crítica haviam manifestado por quaisquer actos (nem pela simples assinatura da Revista) a sua amizade. Mas também não pode deixar de observar, e com desgosto que em muitos pontos esta crítica denuncia uma completa ignorância sobre o modo como a Redacção tem orientado os seus trabalhos. Supõe a Redacção que a "Assembleia de Amigos de Vértice" podia facilmente ter evitado este erro: bastava-lhe que antes de ter discutido os problemas que à Revista respeitam, tomasse a elementar precaução de se informar de certos aspectos da vida de Vértice, que é indispensável conhecer quando se pretenda fazer uma crítica segura e não abstracta. Nomeadamente, devia a "Assembleia" ter-se preocupado em colher informações sobre:

- 1) - O modo como se tem estruturado o trabalho orientador e coordenador da Redacção;
- 2) - A posição económica actual de Vértice, e das vicissitudes desta ordem que tem atravessado;
- 3) - As condições de cerceamento a que está sujeita a Revista, por razões bem conhecidas.

Sobre estes pontos essenciais (e também sobre outros) podia a Redacção fornecer aos "Amigos de Vértice" respostas que os habilitassem a julgar concretamente a situação da Revista. Mas preferindo, como preferiram o caminho mais fácil de articular um libelo baseado apenas sobre hipóteses e mais ou menos fantasistas, caíram os "Amigos de Vértice", como não podia deixar de ser, em acusações improcedentes, na indicação de caminhos que a prática já mostrou serem inexecutáveis e na condenação leviana do que conjecturam traduzir desvios de quem responde pelo trabalho desenvolvido na Vértice.

Pelo que toca às críticas directamente formuladas, a Redacção pouco *temia* dizer por agora. Afim de poder esclarecer totalmente as dúvidas e casos que motivaram tão cerrada acusação, a Redacção somente deseja que a "Assembleia de Amigos" volte a reunir para pormenorizar cada uma das censuras e, em particular, dar uma resposta a cada uma das seguintes perguntas.

a) - Em que páginas de Vértice se encontram os artigos donde se possa concluir que os seus redactores defendem uma "actividade intelectual desligada da vida real"?

b) - Onde se encontram os pontos incriminados no que respeita às relações "entre conteúdo e forma na criação da obra de arte"?

c) - Que números da Revista se transformaram em campos de questões pessoais?

d) - Quais os princípios estéticos defendidos nas colunas de Vértice que paralisaram o aparecimento de novos escritores?

e) - Em que se fundamenta a afirmação de que a redução dos quadros da Revista se deve a uma "recusa sistemática" da Redacção em aceitar que se renovem?

f) - Onde, quando e como a Redacção de Vértice tomou atitudes menos correctas para com "Colaboradores dignos de toda a consideração"?

g) - Como soube a "Assembleia" que a Redacção não dá aos colaboradores fortuitos todas as explicações que justificam a rejeição de originais que eles enviam?

h) - Em que se traduz a orientação "individualista" da Vértice?

i) - Como sabe a "Assembleia" que a Redacção não tem procurado conseguir e publicar artigos de character económico, social, cívico, etc.?

j) - Como sabe a "Assembleia" que a Redacção nunca estudou a possibilidade de melhorar o aspecto gráfico da Revista?

A Redacção podia contentar-se com a formulação destas perguntas, reservando a contra-crítica para quando obtivesse para elas respostas satisfatórias. Todavia pretendendo, como pretende, facilitar um amplo esclarecimento destas questões à "Assembleia de Amigos de Vértice", vai passar a analisar um por um os princípios orientadores em que as acusações indirectas se desdobram, o que desde já permitirá fazer prova de que serão nulas ou escusadas muitas das razões em que se fundam. Assim:

Princípios 1 e 2 - A Redacção de Vértice tem procurado orientar-se por estes princípios desde sempre. E o primeiro deles impõe-se até com evidência que certamente não teria sido formulado se a "Assembleia de Amigos" não estivesse animada da preocupação de ensinar a Redacção o *onde há muito é para ela velho e rudimentar.*

Quanto ao segundo ponto, sempre se tem procurado recrutar o quadro dos colaboradores de Vértice entre os escritores que oferecem garantias nesse sentido: o que verifica com uma simples leitura dos sumários da Revista.

Mas convém observar que este critério não pode ser observado com a rigidez que se deseja. É claro que se um colaborador oferecia certas garantias e deixou publicamente de oferecê-las, pode e deve a Redacção rejeitar-lhe os originais, — e isso tem sido feito. Mas qual o procedimento a adoptar com a pouca colaboração com nível que de simples leitores a Redacção recebe, sem ter qualquer informação sobre os seus autores? Ou se publicam os originais com a possibilidade de infringir o princípio, ou se rejeitam, - infringindo outros que a Redacção, e com ela a "Assembleia de Amigos", tão justamente defendem. (Ver adiante, Princípio 7)

Princípio 3 - Que a Redacção está de acordo com o ponto de vista aqui defendido, prova-se com a acção que em nome dela o Secretário de Redacção desenvolveu recentemente no sentido de atenuar ou liquidar o litígio suscitado entre António José Saraiva e João José Cochofel. A.J. Saraiva, que se conta entre os "Amigos de Vértice", que redigiram ou deram elementos para a Redacção desta crítica poderá esclarecer em que sentido essa acção se desenvolveu. Também Cardoso Pires, igualmente incluído no grupo, poderá testemunhar o, ao que parece tão mal compreendido, pedido que o mesmo Secretário da Redacção lhe dirigiu por intermédio da Delegação de Lisboa no sentido de suspender uma sua crítica pessoalíssima (pelo menos aparentemente) a um artigo de Vergílio Ferreira.

Convém observar, finalmente, que incumbindo à Redacção, aos Amigos e Colaboradores de Vértice o combate ao oportunismo, ao confusionismo e ao divisionismo que ameaçam surgir nas páginas da Revista, lhes não incumbe menos a obrigação de evitar que tais erros se manifestem internamente. Por isso a Redacção tem o dever de perguntar se uma crítica como a presente não revelará já confusionismo e não contribuirá para cavar esse lamentável divisionismo que tão salutarmente se condena.

Princípio 4 - É claro que a Redacção concorda que se deve valorizar toda a actividade, baseando-a numa acção prática, *Mas lembra que a acção prática,* no caso da vida de uma revista, se manifesta também pela colaboração nas suas páginas; e lamenta verificar que alguns dos Amigos reunidos na "Assembleia" que tão vivas críticas lhe moveu, se têm afastado dessa obrigação, espaçando ou faltando de todo com a sua colaboração, que antes fora, em alguns casos, assídua e persistente.

Princípio 5 - Tem a Redacção procurado manter-se nos limites traçados por este princípio, dentro das possibilidades de que dispõe para deles se ocupar. É indispensável encontrar colaboradores que queiram ou possam escrever os seus trabalhos em linguagem acessível. Isto é fácil de conseguir dos colaboradores que fazem parte da Redacção. Mas quanto aos colaboradores que lhe são estranhos, pouco pode a Redacção fazer. Ela sabe, por experiência própria e muito repetida, que quaisquer indicações que tente sugerir a esses colaboradores (utilização de uma linguagem mais acessível, eliminação de certos passos inconvenientes, etc.), são por via de regra mal interpretadas e não raras vezes provocam uma reacção de desinteresse pela Revista no colaborador a quem são dirigidas. Por isso uma tal acção deve ser feita por outros meios, e com muito maior probabilidade de êxito.

A Redacção lembra ainda que uma atitude "pedagógica" com a que no princípio enunciado está implícita, se exige, como é evidente, um esforço de clareza no que se escreve, tem de contar também com um esforço de compreensão por parte dos leitores. E podia provar que os leitores são os primeiros a reconhecê-lo transcrevendo, como exemplo, uma carta onde um grumete da Armada, depois de confessar ter começado a ler a Revista sem compreender os artigos que ela publicava, afirma alegremente ter feito através dela a preparação necessária para suprir essa dificuldade.

Princípio 6 - Contém apenas uma reflexão sobre um assunto que a Redacção muito bem conhece.

Princípio 7 - A "Assembleia" ter-se-ia poupado à formulação deste princípio se tivessem sido tomadas as precauções que de início se referiram.

Com efeito: apesar disso representar um trabalho que é fácil menosprezar; com duas palavras mas de que é difícil avaliar a extensão, sempre a Redacção tem seguido a norma de acusar a recepção e criticar, na medida em que sabe e pode, os originais que espontaneamente são enviados à Revista, acarinhando os Autores que supõe que o merecem, e justificando a recusa de publicação, quando há motivo para ela. Dos arquivos de correspondência de Vértice podem tirar-se cópias de muitas cartas que neste sentido a Redacção escreveu; mas não será necessário, porque António José Saraiva está habilitado, ou pode facilmente habilitar-se, a confirmar esta afirmação invocando o testemunho de Judite Roeha Lima, que submeteu um romance à sua apreciação e antes trouxera à crítica da Redacção de Vértice diversos contos.

Porem a "Assembleia engana-se se acreditar que o nível literário, crítico e, até, ideológico dessas produções atinge, em geral, a mediana. Por isso a Redacção é pouco encorajadora para muitos desses colaboradores fortuitos; e há-de persistir em manter essa atitude em quanto se não convencer que é de qualquer modo útil criar literatos falhados, para quem seria necessário abrir na Revista uma secção no género da "Antologia das Revelações" do Diário Popular.

Princípio 8 - O que neste princípio se aconselha tem sido já feito através de artigos e pequenos sueltos, como todos sabem ou podem saber, e com resultados positivos. Essas críticas ou sugestões são sempre apreciadas pela Redacção com muito cuidado, e a todos os leitores que as escrevem se prestam esclarecimentos que justificam a inviabilidade do que propõem, quando isso não possa ser atendido por qualquer circunstância.

E a prova de que não há da parte dos leitores o desinteresse que tão alarmadamente os "Amigos de Vértice" presumem, tira-se da recente campanha para angariação de assinantes: em dois meses produziu mais de cento e vinte assinaturas, o que corresponde a um aumento de 10 %.

Princípio 9 - A Redacção reserva os seus comentários a este princípio para depois de ter obtido a resposta à pergunta h) formulada anteriormente.

Princípio 10 - Noutro passo se refere o que a Redacção pensa de uma secção-consultório. Pelo que respeita a concursos, a Redacção voltou a ocupar-se do assunto recentemente, e pode anunciar que tendo discutido o problema pensa continuar com o Prémio Vértice. Quanto às restantes observações deste parágrafo, é inexequível a sua realização nas circunstâncias actuais. De facto a experiência de há dois ou três anos provou ser desaconselhável a criação arbitrária de circulos de Amigos da Revista com ingerência directa em assuntos que à Redacção respeitam (a não arbitrária, tem-se feito; provam-no as Delegações de Lisboa e do Porto e, até a "Assembleia" de Amigos" que tão vivas críticas nos digige).

Princípio 11 e 12 - Estes dois números denunciam que a "Assembleia" passou em claro sobre as medidas de limitação que pesam sobre a imprensa, em geral, e muito particularmente sobre Vértice. Todos os assuntos de ordem económica, social, etc. só podem ser abordados de maneira indirecta em artigos cuidadosamente escritos (como, aliás, tem sido feito) porque a Censura entende (e por várias vezes o fez saber ao Secretário da Redacção) que não devem ser abordados numa Revista de "Cultura e Arte", como Vértice se intitula. É evidente que a Redacção não duvida da gratuidade deste princípio; mas não se pode ppor a ele se não através de protestos, que reiteradamente já fez, mas sem qualquer efeito.

Uma leitura dos cortes que têm sido feitos aos artigos submetidos à Censura mostrará que estas reflexões se fundam em casos bem concretos; e mostrará igualmente que esses cortes, além de incidirem sobretudo sobre artigos da natureza apontada, visam também o uso de expressões muito directas e claras. A leitura desses cortes permitirá até demarcar a linha de acção da Censura muito objectivamente.

É também provável que a "Assembleia de Amigos" ignore que há quasi dois anos a Comissão central de Censura chamou a si o trabalho da revisão de Vértice, exactamente para apertar ainda mais o critério que a ela presidia e evitar que se publicassem artigos de crítica ao pensamento "mistificado e mistificante", como o que Egídio Namorado fez sair no número de Fevereiro de 1951, - que foi, de resto, o que provocou essa decisão (tendo ficado incompleto porque a segunda parte foi inteiramente eliminada). A Redacção sabe que a atenção que, sob a ameaça explícita de suspensão da Revista, dedica a este problema, têm sido e continua a ser por vezes, injustamente apreciada. Por isso lembra à "Assembleia de Amigos de Vértice" o exemplo de uma experiência anterior: o da segunda fase do Mundo Literário.

Princípios 13 e 14 - Estes princípios visam os colaboradores e não a Redacção (ver a resposta dada ao princípio 5).

Todavia, e pelo que respeita ao princípio 14, a Redacção tem a observar que pouco lhe interessa o local em que a obra de arte foi realizada, mas sim o que ela exprime e vale. É evidente que Picasso não precisou de ir à Coreia para pintar o seu "Massacre"; e que o "Almoço do trolha", de Júlio Pomar, não é menos significativo se acaso foi pintado no seu atelier.

Princípio 15 - Júlio Pomar deve estar em condições de poder testemunhar o interesse da Redacção em melhorar o aspecto gráfico da Revista.

De facto, a Delegação de Lisboa pediu-lhe em tempos, em nome da Redacção, um conjunto de vinhetas que permitiria atingir progressivamente uma parte desse objectivo, - da maneira mais económica, dado que o orçamento de Vértice não comporta grandes despesas imediatas. Sobre o aspecto económico da Revista, a Redacção lembra ainda que a "Assembleia de Amigos" podia julgar com realismo a situação, porque todos os meses a Administração elabora balancetes muito claros, de que a Redacção podia fornecer cópia.

Princípio 16 - A Redacção tem procurado por em prática tudo o que neste princípio se indica. E se mais não tem conseguido é só porque lhe tem faltado o apoio dos colaboradores, que podiam e também deviam colaborar nestas secções menos visíveis da Revista.

Pelo que diz respeito à secção Perguntas do Leitor, já o Secretário da Redacção, antes de ser recebida esta crítica, deu conta ao Director da Revista do que se está a organizar. Mas deve esclarecer-se ago-

ra, completando o que nessa carta se escreveu, que não é pela falta de uma secção permanente com essas características que se tem deixado de manter um serviço informativo em benefício dos leitores. O apoio ao leitor tem ido até ao ponto de se mandarem copiar livros inteiros que se encontram esgotados e interessam aos que à Redacção recorrem (Alberto Berardo, empregado da Administração, está neste momento a fazer uma dessas cópias para um leitor da Madeira); e se as perguntas ou críticas oferecem interesse geral, é nas próprias páginas da Revista que se lhes dá resposta, - como o prova um artigo recente de J. Sousa Mendes, sobre a campanha contra o analfabetismo no Equador, e ha-de confirmá-lo um outro de Rui Feijó a sair no número de Outubro.

Princípio 17 - A Redacção não pode determinar o verdadeiro significado das primeiras palavras deste princípio, porque lhe repugna acreditar que a "Assembleia de Amigos" estivesse tão mal informada que ignorasse a existência de um corpo Redactorial constituído. Aguarda, portanto, esclarecimentos sobre este ponto, para depois o comentar, se for caso disso.

Quanto ao resto as observações precedentes definem com clareza a posição da Redacção.

Espera o Corpo Redactorial de Vértice, depois desta exposição (que poderá descer ainda a maiores minucias, se tal for necessário), que a "Assembleia de Amigos" fique na posse de elementos que lhe permitam convenir-se

- I). que a orientação da Revista tem sido cuidadosa e atentamente estudada, e não é obra de escaso e improvisação;
- II). que é desejo da Redacção oferecer todas as explicações que habilitem a "Assembleia de Amigos" a refazer num sentido real e construtivo a sua crítica;
- III). que muitas das acusações que sobre a Redacção se lançaram são injustas ou improcedentes, e só se justificam por um conhecimento muito deficiente, ou total desconhecimento, das condições em que ela trabalha.

Enfim: a Redacção lembra ainda que a revista ha-de valer o que valer o conjunto dos seus colaboradores. E exactamente porque está convencida de que entre os membros da "Assembleia" que tão severamente a criticou & encontram pessoas que podem, nos limites do que é consentido pela censura, valorizar a Revista, faz votos porque voltem à colaboração efectiva os que dela se afastaram sem justificação conhecida, e que ingremos no quadro dos seus colaboradores aqueles que nunca o foram porque

7

re, completando o que nessa carta se escreveu, que não é pela falta de uma
seção permanente com essas características que se tem deixado de manter
um serviço informativo em benefício dos leitores. O apoio ao leitor tem
ido até ao ponto de se mandarem copiar livros inteiros que se encontram es-
gotados e interessam aos que à Redacção recorrem (Alberto Barreto, emprega-
do da Administração, está neste momento a fazer uma dessas cópias para um
leitor da Madeira); e se as perguntas ou críticas oferecem interesse geral,
é nas próprias páginas da Revista que se lhes dá resposta, - como o prova
um artigo recente de J. Sousa Mendes, sobre a campanha contra o analfabetis-
mo no Equador, e ha-de confirmá-lo um outro de Rui Fajó a sair no número
de Outubro.

Princípio IV - A Redacção não pode determinar o verdadeiro si-
gnificado das primeiras palavras deste princípio, porque lhe repugna acre-
ditar que a "Assembleia de Amigos" estivesse tão mal informada que ignoras-
se a existência de um corpo Redactorial constituído. Aguarda, portanto, es-
clarecimentos sobre este ponto, para depois o comentar, se for caso disso.
Quanto ao resto as observações precedentes definem com clareza
a posição da Redacção.

Espera o Corpo Redactorial de Vértice, depois desta exposição
(que poderá deixar ainda a maiores minúcias, se tal for necessário), que a
"Assembleia de Amigos" fique na posse de elementos que lhe permitam conven-
cer-se

- I) que a orientação da Revista tem sido cuidada e atentamente estudada,
e não é obra de acaso e improvisação;
- II) que o desajo da Redacção oferecer todas as explicações que habilitam
a "Assembleia de Amigos" a relaxar um sentido real e construtivo a sua
crítica;
- III) que muitas das acusações que sobre a Redacção se lançaram são injustas
ou imprecisas, e só se justificam por um conhecimento muito deficien-
te, ou total desconhecimento, das condições em que ela trabalha.

Enfim: a Redacção lembra ainda que a revista ha-de valer o que
valer o conjunto dos seus colaboradores. E exactamente porque esta con-
vencida de que entre os membros da "Assembleia" que tão severamente a cri-
ticon & encontram pessoas que podem, nos limites do que é consentido pela
censura, valorizar a Revista, faz votos porque voltem à colaboração efe-
tiva os que dela se afastaram sem justificação conhecida, e que ingre-
de



A DIRECÇÃO DA REVISTA VÉRTICE,

junto a uma cópia de respeito que julgo
necessária dar à crítica que elle foi diri-
gida pela "Comunicação do Conselho de Vértice"
tica